

(AR)RISCAR MUROS ATRAVERSANDO CIDADES E(M) CORES

Elenise Cristina Pires de **Andrade** – UEFS

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Este texto busca pensar os movimentos que subvertem as certezas de linhas coerentes que parecem ter um tempo-espço tão certo – o campo educação. Para isso, toma as ressonâncias do 2º *Encontro de Grafitti*, em Feira de Santana, BA e dos conceitos de signo e diagrama de Deleuze, percorrendo as seguintes questões: quais experimentações poderão ser feitas com as imagens que potencializem uma conversa *entre* identidades, diferenças, culturas e conhecimentos? Como sair do plano da representação e criar paisagens-sensações desde dentro da imagem clichê, em um movimento maquínico dos signos? Como o conceito de diagrama amplia o procedimento desse movimento para pensar as relações entre a cidade e a educação? Em pleno sertão, não são tão certas, coerentes, preenchidas, organizadas as linhas e os versos que (se) arriscam a pensar espaços-tempos e(m) educação.

Palavras-chave: imagens, filosofia da diferença, grafite.

(AR)RISCAR MUROS ATRAVERSANDO CIDADES E(M) CORES

O bicho-da-seda não faz nada. Quem faz é a larva do bicho. A seda é o fio do casulo dela. Cada casulo é feito de um único fio, que chega a ter quase um quilômetro de comprimento. Ninguém imagina, de tão fininho e enrolado. O fio é uma baba gosmenta, que sai da boca da larva; fica dura e brilhante no ar.

A seda vem da baba da boca da larva do bicho-da-seda. A larva mora só um tempo no seu casulo. Depois vira besouro e sai voando por aí, sem casulo, sem roupa, sem nada.

(Arthur Nestrovsky. *Bichos que existem & que não existem*)

Aquele é o elefante-marinho, mas ele não quer nem saber. Elefante-marinho ou escargot da Borgonha, isso não tem a menor diferença: ele não está nem aí para essas coisas, não faz questão de ser ninguém.

Ele está sentado de barriga pra baixo porque se sente bem desse jeito: todo mundo tem o direito de se sentar como quiser.

(Jacques Prévert, *Contos para crianças impossíveis*)

1 Atravess(AR)...[por uma pedagogia da afecção].

Muros, cidades, cores, fazem alguma coisa? Se não fazem, quem faz? Suas larvas? Suas forças intensivas que saíam “voando por aí, sem casulo, sem roupa, sem nada”?

Aqueles seriam o muro, a cidade, a cor? Se eles não quiserem nem saber se são, que(m) é que sabe? Qual a necessidade em saber o que cada um deles sabe? Não teriam eles “o direito de se sentar como quiserem”?

Linhas, traços, rabiscos, desenhos e(m) cores a AR-riscar experimentações ao perfurar tonalidades, luzes, escritas, pesquisas, sensações e tantos outros fios (fininhos ou não, enrolados ou não). Riscos arriscados que se entrecruzam, aqui, neste texto, que também se pretende (atra)versado pelos conceitos de signo e diagrama de Gilles Deleuze; por fotografias produzidas durante três eventos que envolveram artistas, pesquisadores, professores, alunos e os muros de uma escola pública; por imagens de obras de artistas.

Três eventos concomitantes. Encontros, ressonâncias, cores em acontecimentos. O 2º Encontro de Grafitti, iniciativa do Coletivo Juvenil H2F¹, buscou fortalecer a arte do grafite na cidade e colocar o evento na agenda cultural/cena de Feira de Santana e região, concentrando as atividades pelos muros do Colégio Estadual José Ferreira Pinto. O Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC) realizou o *FeirARTE: expressões urbanas* promovendo exposições de artistas feirenses, oficinas de arte e a abertura do *TRACEjando por Feira de Santana: pulsões expressivas*, evento de cunho acadêmico, promovido pelo grupo de pesquisa Trace, do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) que desejou proporcionar um ‘multi-álogo’ entre os diferentes conhecimentos, saberes, expressões, cotidianos de alunos, professores e artistas em conexão com a pluralidade de sentidos e lugares na cidade, focando a ação em uma mesa redonda² que contou com estudiosos da arte de rua,

¹ O evento contou com artistas de várias partes do Brasil e alguns do exterior. (Mais imagens e informações encontram-se disponíveis em: <<https://www.facebook.com/2encontrodegrafittifsa?fref=ts>>). O coletivo H2F, composto de jovens, busca uma intervenção mais ampla a partir de ações culturais que transformem a cidade e atinjam outros jovens por meio da cultura hip hop, do grafite, da poesia, da literatura, e das linguagens diversas. Esse grupo tem a percepção inicial de que a cultura não acontece apenas em torno da música do hip hop, mas principalmente em sua contribuição social nas comunidades em que se encontram presentes, trazendo à tona discussões sobre a realidade social da população.

² Mesa redonda “A arte está nas ruas” ocorrida em 26/09/2014, que contou com a participação dos seguintes componentes: Leandro Lima (representando o Coletivo H2F), Evanilton Gonçalves Gois da Cruz (mestrando da Universidade Federal da Bahia), profa Dra. Roselene Cássia de Alencar Silva (Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia), André Kaja Man (artista

predominantemente o grafite, e alguns artistas e em duas oficinas para alunos do ensino médio provenientes da mesma escola que ofereceu seus muros para os artistas do grafite: *Poesias ao vento*³ e *Vídeos em expansão*⁴.

Encontros, cidades, ruas e muros em expansão por dois projetos de pesquisa “Consumo e produção cultural: experimentações estéticas, éticas e políticas entre jovens de Feira de Santana” e “Circuitos de Consumo e Produção Cultural: investigando as dimensões sociais e formativas das práticas estéticas, éticas e políticas dos jovens em Feira de Santana-BA”⁵. No transcorrer de 2013, as ações desses projetos possibilitaram um levantamento de coletivos de jovens da cidade para, em 2014, serem desenvolvidas algumas atividades de produção/expressão de conhecimentos com/através de imagens e sons da cidade. Experimentações versadas em risco.

O esforço violento do corpo em direção à experiência é a ampliação e mudança de seus limites. Um certo tipo de intencionalidade do que Anne Hickey-Moody (2013) denominou de pedagogia da afecção, trata-se da experiência sensível que, primeiramente, é reconfiguração corporal e, depois, uma nova geografia emergente da experiência. Como isso pode acontecer? (AMORIM, 2013, p. 417).

Antonio Carlos Amorim, ao continuar sua reflexão, nos apresenta algumas possibilidades de responder a sua pergunta ao explorar “correlações entre os perceptos e precisamente os devires não humanos do humano” (AMORIM, 2013, p. 417) criados nas mais diferentes relações envolvendo os objetos, as ideias e os pensamentos da/na pintura, cinema e literatura. Inspirada no autor – que também se deleita com os conceitos e as ideias da filosofia da diferença –, proponho a questão que *atravessará* esse texto: quais gestos funcionariam como signos intensivos a nos provocar e forçar a sentir a diferença, a experimentar o tempo e suas múltiplas verdades, como nos propõe Nascimento (2013); a ressoar por uma pedagogia da afecção?

do grafite, Rio de Janeiro), Júlio Costa (artista do grafite, Bahia) e Sinho (artista do grafite e MC, Aracaju, SE).

³ Oficina ministrada por participantes da Editora independente Diabo A4: Larissa Rodrigues Santos, José Wilson Martins Fialho Filho e Antônio Henrique Macedo Vaz Sampaio. Esse Coletivo Juvenil também participou das reuniões acerca do desenvolvimento dos projetos de pesquisa citados nesse texto.

⁴ Oficina ministrada por Ceci Alves (produtora e diretora de cinema) e Edivan Carneiro de Almeida (professor de escola básica e mestre em educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana).

⁵ Ambos os projetos, em andamento desde dezembro de 2012, buscam compreender as formas de expressão, de participação e de pertencimento social de jovens nos diferentes circuitos de produção, consumo e difusão culturais na cidade de Feira de Santana-BA. A principal diferença entre eles é que o primeiro tem financiamento Fapesb/Uefs enquanto que o último foi aprovado no Edital Universal 018/2012 CNPq.

Signos a emanarem dos gestos. Gesto-corpo a-riscado. Conexões, contatos, contaminações em movimentos intensivos, como nos propõe Ricardo Basbaum (2006, p. 67) ao pontuar que “Podemos considerar que um diagrama será sempre gerado como dispositivo relacionado ao local de proximidade máxima da experiência [...]” – (p. 67), materialização de um devir quando o espectador é capturado por uma obra/trabalho artístico em um campo de intensidades. Trata-se de saber, portanto, como esse conceito de diagrama nos impele a explorar essa zona de desterritorialização ao experimentarmos o encontro com artistas grafiteiros por ocasião do 2º Encontro de Graffiti de Feira de Santana?

Figura 1 – Carlos Bobi e sua arte no 2º Encontro de Graffiti. Muro interno do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 27/08/2014, arquivo pessoal.

Permitirmo-nos ser invadidos por linhas incertas pelos muros do sertão. Subverter, em um movimento fluído, diluído, as certezas de linhas coerentes, que parecem ter um tempo-espaco tão certo – o campo educação. Arrastar o ‘pensar a arte’ com Deleuze e movimentar os devires das/nas articulações com a experiência estética, construindo uma pesquisa-em-experimentação que se contamina pela virulência do impensado no pensamento.

Riscos de uma violência que o pensar necessita para germinar. Não aceitar que as imagens que habitam esse texto apenas nos mostrem, nos expliquem ideias, representações, conhecimentos, pensamentos sobre algo ou alguém, mas ir em busca de um modo, um funcionamento do gesto *entre* as imagens e o aquilo em nós que com elas encontra. Intensidade do instante. Um hífen entre parênteses: ar(-)riscado. Arriscarmos com Deleuze e o funcionamento do diagrama, quando o filósofo, ao *atravessar* a

obra de Francis Bacon, propõe que o pintor, em seus quadros, desafia a figuração e a narração. Aspectos que, para Deleuze, são efeitos que teimam em invadir os quadros (não somente os de Bacon). Esse desafio desata fios e linhas e forças – o diagrama.

Aglomerções e adensamentos caóticos de fragmentos ao experienciar os muros, as ruas, as cidades. Ritmos deslocados de uma organi-cidade a pulsarem em outros pensamentos em relação ao cotidiano, à educação, ao movimento de produção e divulgação de conhecimentos, articulando-se como uma postura estético-política de questionamento do que denominamos “política representacional”, manifesta na insistência de muitas pesquisas sobre imagem e educação que, prioriza um modelo hierarquizante de comunicação-reconhecimento, proporcionando poucas possibilidades de multiplicação e ampliação de sentidos para os fenômenos, os objetos, as imagens, as pesquisas, as educações.

Propor, para essa escrita/pensamento, um funcionamento a-riscado do diagrama com a intensidade dos signos, uma vez que, como nos diz Nascimento (2013), esse conceito em Deleuze assume um caráter sensível: “somos abertos pelo signo à potência das forças ativas criadoras” (NASCIMENTO, 2013, p. 67). Forças que ativam o impensado, por isso subversivo, versos que explodem e espalham uma vontade de potência. (AR)risar proliferações de sensações buscando um pensamento com imagens imerso nos movimentos atuais das artes visuais e numa ação coletiva e plural ao desequilibrar fronteiras fixas entre imagem, ficção e realidade, entre conhecimento, memória e explicação, entre educação, política, arte e criação. AR(t)es vitais. Ana Godoy (2013), ao comentar um texto de Klossowski, em que o autor aborda alguns critérios presentes na obra de Nietzsche, onde enfoca quais seriam os movimentos presentes na atual “gestão total da Terra”⁶, chama a atenção para um outro movimento que não o observado pelo autor francês.

[...] aquele [movimento] das linhas de errância no incessante desfazer das referências, [...]. Linhas cujo movimento exprimem uma outra política, que não reconhece fronteiras, prescinde do que se *deve* ser, fazer, pensar e sentir traindo os sistemas de significação, de referencialidade, afirmando outras e surpreendentes práticas, desobstruindo fluxos, criando outros fluxos, desarranjando as maquinarias de controle e submissão (GODOY, 2013, p. 130).

⁶ “Klossowski, em um artigo de 1972 a propósito da análise de alguns critérios presentes na obra de Nietzsche, afirma que a gestão total da Terra, a planificação planetária da existência, obedece à lei de um movimento econômico irreversível, aquela que apanha tudo pela fixação – de metas, de objetivos, de caminhos, de itinerários, de ações calculáveis em nome de um futuro que se dá a ler nos planos e estatísticas e que consagraria a mentalidade reinante por meio de um embrutecimento do homem, sua mediocrização, o que exigiria, segundo ele, um outro movimento” (GODOY, 2013, p. 130).

Artistas grafiteiros desobstruindo fluxos de cores que se alongam até os muros da escola pública em um bairro longe/perto, já que que abriga a universidade e localiza-se distante do centro da cidade, o conjunto Feira VI. Andréa Pinheiro, diretora do colégio, juntamente com sua equipe de gestores e professores, não só possibilitou a enorme tela (paredes do Colégio Estadual Ferreira Pinto) para os artistas como os abrigou durante o final de semana de setembro de 2014 para a realização do 2º Encontro de Grafitti, exprimindo uma outra política que não reconhece fronteiras. Rua-muro-escola. Aluno-muro-gestores. Cores-muro-grafites.

Figura 2 – Kaja Man e sua arte no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 27/08/2014, arquivo pessoal.

Alunos e crianças do bairro perambulando por entre *sprays*, riscos e cores, impregnando suas peles, invadindo as telas de celulares. Movimento que modifica a rotina diária de quem por lá passa, mora, trabalha. Rua-muro-tela. Bichos da seda e elefantes marinhos em gestos desconcertantes a romperem com uma suposta linearidade de utilidade e cognição do mundo e da vida enquanto acontecimentos imprevisíveis. Como provocar esse desarranjo para produzir tais linhas de errância *atraversando* a educação? Como expulsar um querer transformar rascunho em arte final? Cotidianos, muros, cidades, cores. Bichos da seda, elefantes marinhos, fios, barrigas, gestos, rimas, movimentos, fluxos, brechas, fendas, pois “O ato mais subversivo e mais revolucionário é sentir (NASCIMENTO, 2013, p. 69).

2 ...cotidianos, muros... [por um *atraversamento* estético e político]

Figura 3 – Arte no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 27/08/2014, arquivo pessoal.

Quais os questionamentos? Paz? Guerra? Liberdade de expressão? Fanatismo religioso? Charge? Maomé? Alá? Jesus? Deus? O rabisco nunca vai morrer.⁷

(Charles Mendes, artista feirense do Grafite).

Rabiscos cotidianos em muros fabricam e inventam cidades. Ventam imagens, linhas, *sprays*. Colorem o cinza em um movimento lento ou rápido, não necessariamente aparente, visível, mas sensível. Movi-ventos como o que propusemos ao *atra-versar cotidianos*, sem a pretensão de explicar algo, mas de tensionar ao nos perguntarmos o que uma expressão dos cotidianos mobiliza política e esteticamente. Inquirindo-nos sobre quais experimentações poderão ser feitas com as imagens que potencializem uma conversa *entre* identidades, diferenças, culturas, imagens e conhecimentos. Interpelando-nos sobre como sair do plano da representação e criar paisagens-sensações desde dentro da imagem clichê, em um movimento maquínico dos signos. E, por fim, nos perguntando como o conceito de diagrama amplia o procedimento desse movimento para pensar as relações entre a cidade e a educação.

⁷ Postagem do artista em sua página no *facebook* sobre o extermínio dos artistas no Charlie Hebdo, em Paris, em janeiro de 2015.

Basbaum (2009) nos apresenta uma interessante reflexão em que o conceito de diagrama emerge como funcionamento na relação de sua obra artística com o público, indicando um “[...] duplo movimento das forças do pensamento e da matéria, como um dispositivo para a produção de transformações. (BASBAUM, 2009, p. 73).

Ultimamente tenho trabalhado o diagrama como instrumento – empregando-o para abrir e ocupar um tipo de espaço intermediário entre discursos e obra de arte. Há um processo de construção para obtenção deste espaço, aglutinando as palavras e tecendo um espaço dinâmico com linhas e diversos elementos visuais. Sobretudo há o desejo de instaurar, no desenho, índices de ritmo e de pulsação: sem um modelo rítmico adequado, o diagrama não funciona. Sim, pulsação, produção de ressonância, vibração rítmica – é o que garante que o diagrama movimente-se e produza as inscrições necessárias, sem as quais se tornaria uma abstração que não intervém, que não move nenhum espaço e que não ocupa nenhuma região. (BASBAUM, 2010, p. 2, tradução nossa).

Figura 4 – Desenho de Clarinha.



Fonte: Postagem no *facebook* realizada em 13/01/15. Fotografia de Kaluana.

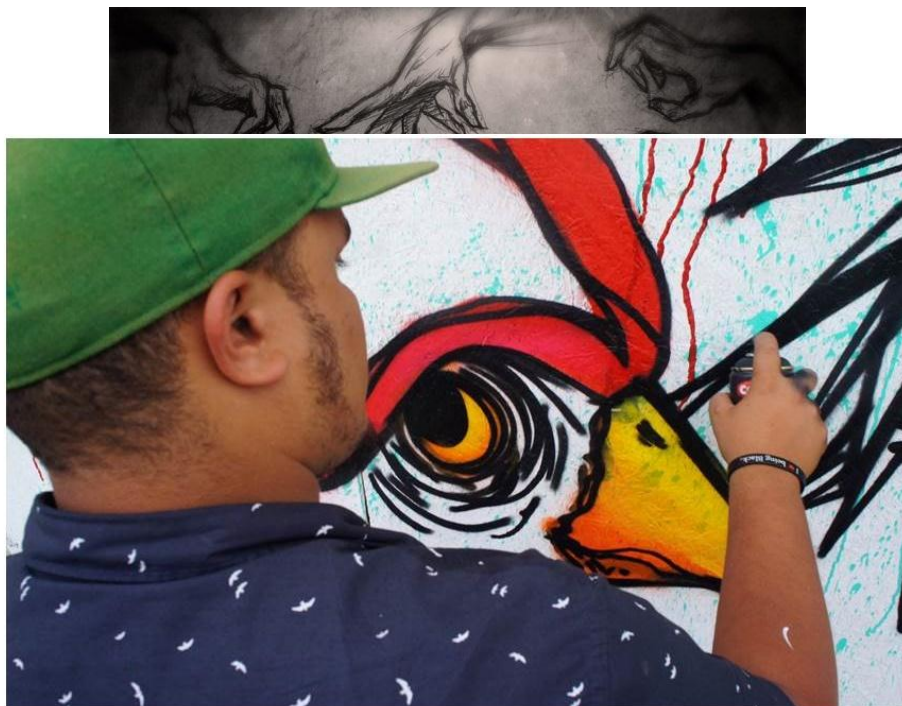
Arriscar no risco, nas cores, no ritmo, como fez Clarinha (Fig. 4)⁸: “Mãe, acabei de fazer a água do Brasil!”. “É mesmo?”, perguntou a mãe, continuando a indagar: “e como se faz água do Brasil?”. Clarinha, obviamente, responde: “É só misturar todas as cores!”. Água cotidiana que se desprende de significados e representações. Escapa de uma figuração de pensamento. *Ex* capas a enveloparem as linearidades necessárias para uma reconhecimento. Águas em versos e cores que abalam e desenquadram os cotidianos, investindo-os de uma vontade de sentar como quiserem, como os elefantes-marinhos. Águas-vivas querendo abrir-se à força e afetação dos signos. “É preciso compreender o afecto, então, como um processo de atualização que

⁸ Disponível em:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=700904936691013&set=a.115767955204717.19393.100003145405522&type=1&theater¬if_t=like. Acesso em: 17 de março de 2015.

coloca em jogo as forças do fora, assim como um sentir diferentemente” (NASCIMENTO, 2013, p. 68).

Figura 5 – The sketches inside me II



Fonte: Postagem no *facebook* realizada em 03/02/15. Fotografia e obra de Sébastien Del Grosso.

Dentro-fora sem delimitação. Mãos que enxergam. Olhos que tateiam. Suspender uma vontade de explicar as fronteiras, os limites dentro-fora, mãos-olhos. Com-vidar Sébastien Del Grosso e sua obra *The sketches inside me II* (Fig. 5)⁹. *Inside me, outside me*. Esboços (s)em arte final. É preciso possibilitar um gesto *entre* os planos políticos e estéticos quando nos colocamos a pesquisar *escrever* educação. Fiar-mo-nos nos fios e nas babas das cores que invadem os muros, as memórias, as educações...

Figura 6 – Kbça Grafitti no momento de sua arte.

⁹ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153643808014408&set=a.10150623301949408.489399.743039407&type=1&theater>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 25/09/2014, arquivo pessoal.

Figura 7 – Charles Mendes no momento de sua arte.



Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 25/09/2014, arquivo pessoal.

...dores do evento, *marcam* os muros. Os inventam. (Des)enquadram. Desenquadrar na tentativa de esvaziar as conexões representacionais das linhas e das cores no movimento do grafitar. A questão não é apenas entrar em contato com essa movimentação no intuito de entender e desvelar os significados dos desenhos nos muros, mas também e sobretudo esvaír-se nessas linhas de atualização no passar da rua, no transitar dos pensamentos que ainda não foram pensados. Incomodar, desacomodar, deslocar... Funcionar junto com as minúsculas partículas que saem do *spray*, gestos em movimento que “violam as expectativas da cultura que pré-determina, num texto como o da cidade, como e quando o seu espaço e tempo podem ser utilizados” (RAMOS, 1994, p. 44). Grafite que, na grande maioria das vezes, configura-se em uma postura de contestação de um sentido urbano normalizado, “que subverte o significado do lugar e os modelos instituídos de comunicação no espaço público [...] O *bombardeamento da cidade [bombing]*, uma

figura metafórica que revela o carácter destrutivo, massificado, tentacular de uma acção que ambiciona marcar categoricamente o espaço de visibilidade da cidade. (CAMPOS, 2009, p. 20, grifos do autor).

Todavia, ainda que concorde com essa abordagem de Ricardo Campos, não é o entendimento e compreensão que ele faz do grafite que exponho aqui. Campos parte dos pressupostos da Antropologia da Comunicação Visual¹⁰ para tecer suas leituras analíticas desse movimento urbano. Para o autor, “Neste contexto, a cidade é tomada como produto visível de um conjunto de vontades individuais e colectivas, recurso expressivo que é colectivamente celebrado como matéria para a comunicação humana”. Ao tomarmos as fotografias e os conceitos de Deleuze, não se pretende que a cidade seja passível de ‘leitura e interpretação’, mas sim que ela produza espaçamentos temporais, esgarçamentos espaciais desde a intensidade expressiva dos signos que afloram dos gestos. Grafitar com Kbça e Charles, babar com o bicho da seda, sentar com o elefante marinho. Não somente com eles, mas através deles... *Atraversar*.

Atravessamentos junto a Deleuze (2007) quando tece relações e (des)conexões entre as geometrias, as sensações, as cores e as luminosidades das escolas de pintura. Em um movimento alucinante, ele nos joga (e a Bacon) em direção aos egípcios e às suas superfícies planas, à forma e ao conteúdo como dimensões igualmente próximas de um mesmo plano. Extraindo de cada época sua singularidade, Deleuze dirá então que os gregos, ao distinguirem os planos, inventando uma perspectiva, contribuiram para o que ele designa como representação clássica, que tem “como objeto o acidente, mas [...] o apreende em uma *organização* ótica que faz dele algo bem fundado (fenômeno) ou uma ‘manifestação’ da essência” (DELEUZE, 2007, p. 126, grifos do autor). Nesses atravessamentos de contornos e cores e narrativas e figurações, Deleuze irrompe com casulos feitos de fios cada vez mais fininhos, onde esse emaranhado de pensamentos versa sobre dois planos que se cruzam: o ótico e o tátil. O movimento que quer se opor à representação clássica se daria então em duas direções opostas: “*Ou a exposição de um espaço ótico puro, que se liberta de suas referências rumo a uma tatilidade mesmo que subordinada [...] ou, ao contrário, a imposição de um espaço manual violento que se revolta e abala a subordinação*” (DELEUZE, 2007, p. 127-128, grifos do autor), e ambas parecem se encarnar na arte bizantina e na arte bárbara ou gótica, onde essa aparente oposição pode entrar em outras combinações ou correlações novas.

¹⁰ Do modo como foi entendida por autores como Sol Worth (1981), Jay Ruby (1981, 2005), Cannevari (2001).

No entanto, Bacon, pintor sobre o qual Deleuze (2007) se debruça, não para nem num mundo tátil-ótico nem no mundo ótico puro. “Ao contrário, ele os atravessa, ele os subverte ou os confunde. O diagrama manual irrompe como uma zona de confusão, de limpeza, que deve desfazer ao mesmo tempo as coordenadas óticas e as conexões tácteis” (DELEUZE, 2007, p. 136). Confusão e limpeza que Clarinha nos brinda com as cores desenhadas e sentidas da água. Perfuração. “Estudando as audiovisualidades, tendo Gilles Deleuze como intercessor, as intensidades são o mote das linhas de aprendizado com os signos sensíveis, redescobrimo o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido.” (AMORIM, 2013, p. 414). Instantes mínimos no *spray* que contorna o olho do pássaro, o dente da boca, o olhar do olho!

Figura 8 – Don Guto e sua arte no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Milena Rodrigues, 27/09/2014, arquivo pessoal.

Riscos iniciais no muro que, não necessariamente, se transformarão em algo na imagem grafitada. Quantas vezes, acompanhando os artistas, queríamos adivinhar, pelos traços iniciais, sem cores, o que apareceria na tela-muro? Depois de tantas ‘decepções’, desistimos, e investimos na invenção do olho-mão. Encontros (im)pensáveis brotando dos movimentos do artista. Don Guto, artista feirense, riscou, arriscou e vermelhou a cena com olhos abertos-fechados a nos espiar. *Ex pios* silenciosos. É precisamente essa nossa vontade em ter o controle do que veremos, sentiremos, saberemos, pensaremos que se pretende subverter em minúsculas partículas de *spray* para invadir, com esse funcionamento, nossas vontades em relação à pesquisa e(m) educação.

O olho que (não) fala. A boca que (não) vê. Vermelhos... Pois como coloca Ana Godinho (2013, p. 136), “Veremos, na *Lógica da Sensação*, que o problema é ter um olho impossível. Pensar sentindo, sim, mas com olhos e ouvidos impossíveis”. Assim, cabe-nos investigar quais seriam as potências e as forças dessa impossibilidade ao afectar a educação, de que maneira um cotidiano que (se) experimenta no AR-riscar afecta o pensamento na/com a educação. Cabe-nos perturbar...

Cotidiano perturbador... Mas não seriam as perturbações gestos de um cotidiano vivo e(m) experiência? Ruas, muros, cores, cidades *in-ventadas*, *out-ventadas*, arriscadas na expulsão de uma necessidade de explicação e (re)cognição dos limites olhos-tato-ouvidos-muros-pensamentos. Estar aberto aos pequenos e delicados gestos, quase (in)visíveis.

Afecções que *invadem*. Arte efêmera que sulca os muros e invade o tato da retina, incomoda o háptico dos olhos. Irrompe no pensamento um sentir, criar. O muro não é só um muro, nem a mão é só um olho, nem o olho é só a cidade, e “o diagrama não constitui uma zona relativa de indistinção ainda ótica, mas uma zona absoluta de indiscernibilidade ou de indeterminação objetiva, que opõe à visão uma potência manual como potência estrangeira” (DELEUZE, 2007, p. 137).

3 ...em que ares arriscam e riscam e...[por uma cidade (AR)riscada].

Os muros
Os grandes tomavam o sol
com seus grafites
6:20 am
O seio pálido saía,
Era farto.
A boca da favela alimentava
o que era seu
Dois ou três barrigudinhos
grudavam-se às tetas
na cidade que nasce
E não cresce.

Tai Borges, *Os muros da cidade*

Figura 10 – *Print screen* de uma *time line* com postagem de imagens-protesto ao extermínio dos artistas no Charlie Hebdo.



Fonte: Postagem no *facebook* em 09/01/15. Imagem do lápis postada em 08/01/2015. Fotografia da jovem de autoria de Iron Alves, em Paris, 2014.

As cores perambulam pelas cidades e a avivam, a matam. Desenhos mortos, pontas afiadas. Fios que se emaranham no traço (Fig. 10)¹¹. Traçado do corpo na superfície do chão (Fig. 10)¹². Mulher, lápis, palavra, gesto. “O que me interessa é o modo como, traçando linhas, dispondo palavras ou repartindo superfícies, desenham-se também partilhas do espaço comum” (RANCIÈRE, 2012, p. 101). Formas de partilha que envolvem uma amplitude “sensível do comum da comunidade, das formas de sua visibilidade e de sua disposição” onde “se coloca a questão da relação estética/política” (RANCIÈRE, 2009, p. 26) – entendendo o estético como um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade e pensabilidade dessas maneiras e suas relações, implicando uma ideia de efetividade do pensamento, conclui o filósofo francês.

Figura 11 – Arte de inúmeros artistas no 2º Encontro de Grafitti. Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Edivan Carneiro de Almeida, 27/09/14, arquivo pessoal.

As ruas, os olhos, os carros, as máquinas fotográficas, os *sprays*, as cores, os muros. Paredes que se movem diante de nossos olhos e nos fixam, contemplativas... Paredes que se doblam ante os olhos (de quem?) e nos convidam ao desvario... Durante um final de semana, os artistas inundaram com suas linhas e contornos as paredes da

¹¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=630809090359021&set=a.154259544680647.26222.100002898081385&type=1&fref=fb&pnref=story>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

¹² Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152916778131348&set=a.10151107061446348.490473.535691347&type=1&theater>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

escola. Partilhas outras. Sensibilidades afloradas pelas rugosidades dos muros, no tato dos olhares, na visão da pele. As palavras de encantamento de alunos, de moradores, convite para grafitar o muro de casa... Movimentação pensada e sentida pelos artistas feirenses que promoveram esses encontros em devir... As pinturas no mundo áspero nos convidam a olhar com as mãos, a tatear com os olhos essas sombras, essas (im)possibilidades em decifrar o significado, (des)conexões entre os desenhos. Devir em desvario. Acontecimento vital no ARriscar.

Figura 12 – Detalhe de um grafite no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Edivan Carneiro de Almeida, 27/09/14, arquivo pessoal.

DesavisAR o que se pretende como coerente para os campos da (re)cognição, principalmente quando nos colocamos por entre muros, ruas, riscos e cores da educação. Destituir a obviedade das explicações (sejam conceituais, sensoriais, comunicacionais). Deixar-se enlouquecer pela potência criativa do impensável no pensamento, como tantas vezes as crianças, os loucos, os bêbados (se) deixam! Encurvar junto ao corpo da mulher nas ruas de Paris, ao muro da escola na calma da alma, aos fios de baba, à barriga que senta. Encurvar os pilares e os ditames da educação nesse (AR)riscar, esvaziá-la dessa substância Educação que quer a tudo entender, explicar, organizar, decifrar, nomear. Esvaziar para continuar nas possibilidades das dobras, fora/dentro, gesto-corpo-cor em funcionamento para que provoquem tensionamentos de sentidos de escolas/muros/cidades/mundos. Assim como proposto por Amorim (2007), suspeitar de

uma autoridade pedagógica das coisas, através da apresentação das suas possibilidades no par atual-virtual.

Para que o diagrama funcione, para que ele seja diferente de um simples esquema, é preciso que ele revele o sentido das suas singularidades. E é porque o diagrama está sempre na interface do actual e do virtual que ele pode assegurar a passagem de um a outro por uma maquinaria que é a alma do diagrama. Essa maquinaria não está lá para representar objetos, mas para produzir, no real, uma actualização das suas componentes virtuais, revelar ao mundo sensível uma face inédita do objeto. (GODINHO, 2013, p. 141)

Revelação que não pretende estritamente uma efetuação de ação, nem opinião sobre os fenômenos, muito menos juízos de valor e de natureza, mas que se intensifica na expressão dos signos que irrompem dos gestos; que se coagula na potência do intensivo; que delira ao experimentar novas texturas sensíveis – olhos e ouvidos impossíveis. “Resiste-se e, nesse instante, conserva-se; fazem-se as marcas como uma espécie de diagrama, vê-se com um certo olho aparecer possibilidades de factos de todos os tipos” (GODINHO, 2013, p. 139), tais como: fiar com baba, larvar sem fazer nada, sentar sem dobrar as pernas, olhar para um muro de escola e não entender o que encontra, passear pelas ruas de um bairro e não distinguir as utilidades dos rabiscos. “O diagrama faz germinar. Desterritorializa e desterritorializa-se na sua potência absoluta. É um devir” (GODINHO, 2013, p. 141).

Propor, com esse funcionamento deslizante, um esvaziamento dos corredores, salas de aula, giz, quadro, pincel, sinal sonoro entre as aulas, cadernos, memorizações. Chamar o susto, o imponderável, os professores, os alunos, a gestão escolar a inventar outros tempos e espaços de criação, linhas rasuradas e descentradas. Diagramar o pensarescreverpesquisar educação. Propor esse pintar sem pincel, mas com *sprays* das minúsculas partículas coloridas que aderem aos sulcos dos muros, esse espaço hífen e intenso de encontro entre olhos e mãos, retina e pele, tato e visão; propor, como diz Basbaum (2009, p. 88), “[...] passagens entre eles, criando territórios atravessados pelo ritmo fluido de relações, inter-relações e relacionamentos – incluindo aí forças de tração, repulsão, vizinhança, fragmentação, encadeamento, agrupamento, deslocamento, localização, etc.”.

Figura 13 – Detalhe de um grafite no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Edivan Carneiro de Almeida, 27/09/14, arquivo pessoal.

Ritmos, cidades, corpos, gestos em um funcionamento que se pretende uma fenda na reconhecimento e na representação. Fragmentos que não querem ser recolhidos para uma (im)provável configuração de uma imagem, de um pensamento, de um muro, de uma cidade, de uma educação... Um grafite ou três? Quantos artistas? Que (im)possibilidades de linearidades essa imagem provoca (Fig. 13)? Objetos, coisas, ruas, linhas... “O que chamamos de um ‘mapa’, ou mesmo um ‘diagrama’, é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1992, p. 47). Dois artistas brasileiros e um sueco, que nada falava nem entendia de português, realizaram essa expressão. Trocas de gestos, encontros de olhares, partículas que *spray* a deslizarem – assim como as rodas e os pés do condutor do veículo, o boné, a sensação, “Pois na rua, em movimento, experimenta-se sobretudo uma estranha movência nas coisas” (GODOY, 2013, p. 2). Estranhamento. Contaminação. Afectos. AtritAR forças. Afectar pensamentos. Experiência intensiva do corpo-matéria-gesto. Signo como afecto que nos força a seguir as linhas.

Não é a linha que está entre dois pontos, mas o ponto que está no entrecruzamento de diversas linhas. A linha nunca é regular, o ponto é apenas a inflexão da linha. [...] É como os desvios de um movimento que ocupa o espaço à maneira de um turbilhão, com a possibilidade de surgir um ponto qualquer. (DELEUZE, 1992, p. 200).

Turbilhonar ruas, muros, escolas, educações de sentidos delirantes, pois é dessa maneira que “a cidade existe em um campo de correlação de forças que estão constantemente a se atritar” (GALVÃO, 2008, p. 42). Deslocamentos para o fora que também é dentro, já que essa escola (des)cola-se das amarras de uma única relação espaço-tempo, coreografando artistas, alunos, pesquisadores, moradores, cores, ventos, árvores em outros ritmos que não o de *formação*. Coreografia que comporta o caos, contornos que cantam por deformidades, cidades in-ventadas por movimentos. Superfície espacial que abandona as dimensões cristalizadas e com-vida o tempo perdido a participar...

Figura 14 – Arte de inúmeros artistas no 2º Encontro de Grafitti. Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Marcos Barata, 28/09/14, arquivo pessoal.

Cidades, ruas, contornos, fotografias, conceitos filosóficos, escritas experimentais. Não perguntar o que a imagem mostra da cidade, da rua, da escola, da vida, mas o que as intensidades e forças que as atravessam e povoam querem mostrar para a imagem... Entre o tempo das pinturas dos muros, entre as memórias das chuvas, dos elefantes, dos enrugamentos, das lesmas. Na força da linha do muro, *diagramar* sem

praia. Em pleno sertão a linha não se quer tão coerente, preenchida, organizada como acontece em tantos espaços-tempos e(m) educação.

Figura 15 – *What's the level of the sea?*



Fonte: Obra de David Delruelle. Site do artista.

What's the level of the sea? – nos pergunta o artista David Delruelle¹³. Talvez nem um nível nem outro, mas uma movência que entranha os gestos. Propor, então que a cidade não seja entendida, sentida, explorada apenas como cenário, mas sim máquina produtora de signos expressão, de conhecimentos. Experimentar um *atraversamento* nos pensamentos em Educação num produzir riscos em devir, sempre esboçados, a fim de que as perguntas lançadas ao nosso tempo sejam portadoras de uma potência intensiva sempre elevada.

O gesto do muro!

É o muro que desconcerta as mãos dos artistas, as formas que dele (muro) escapam.

O muro não é capa, é espada a fissurar a representatividade, a fixidez de um conceito de cidade apartada do mundo.

Dentro-fora.

Grafite que rasura, experimentalmente, efêmeramente, e expõe. Não põe, expele.

¹³ Disponível em: <<http://www.belgianboutique.com/en/david-delruelle-u2019s-inception>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

Muro, ex pele.
Que educações são in-vocadas? In-ventadas?
Sub-versões em versos...
Coreografia do ris(c)o...

Figura 16 – Arte de inúmeros artistas no 2º Encontro de Grafitti.
Muro externo do Colégio Estadual José Ferreira Pinto.



Fonte: fotografia de Marcos Barata, 27/09/14, arquivo pessoal.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. C. Três crianças a compor um plano para o currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. set./dez. 2013.
- BASBAUM, R. Diagramação e processos de transformação. In: CRUZ, J. (Orgs.). **Gilles Deleuze: sentidos e expressões**. Rio de Janeiro : Ciência Moderna, 2006.
- BASBAUM, R. Sur, Sur, Sur, Sur... comme diagramme: carte + marque. **Multitudes**, n. 43, p. 24-27, 4/2010. Disponível em: <www.cairn.info/revue-multitudes-2010-4-page-24.htm>. Acesso em: XXXX.
- CAMPOS, R. M. O. “all city” – graffiti europeu. **Revista de Antropologia**, v. 52, n. 1, p. 11-46, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27330>>. Acesso em: 17 de março de 2015.
- CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. Petrópolis, RJ: DP&A, 2001.
- BORGES, T. **Os muros**. Cidades. 2. ed. Feira de Santana: Diabo A4, 2014.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Perbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

- _____. **Francis Bacon: lógica da sensação.** Trad. Roberto Machado (coord.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GALVAO, D. G. **A Fabricação de Teresinas:** subjetividades e imagens fotográficas na experiência teresinense do Salão Municipal de Fotografias (1995-2005). Universidade Federal do Piauí – UFPI. Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História do Brasil, 2008.
- GODINHO, A. Diagramas para pensar/diagramas de sensação. In: GALLO, S.; NOVAES, M.; GUARIENTI, L. B. O. (Orgs). **Conexões:** Deleuze e políticas e resistências e... Petrópolis, RJ: DP&A; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: Caés, 2013.
- GODOY, A. TransKafka: uma experimentação. In: Grupo Transversal (Org.). **Educação menor:** conceitos e experimentações. Curitiba : Prismas, 2013.
- NASCIMENTO, R. D. S. Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos. In: GALLO, S.; NOVAES, M.; GUARIENTI, L. B. O. (Orgs). **Conexões:** Deleuze e políticas e resistências e... Petrópolis, RJ: DP&A; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: Capes, 2013.
- RAMOS, C. **Grafite, Pichação & Cia.** São Paulo: Annablume, 1994.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível:** estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- _____. **O destino das imagens.** Trad. Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- RUBY, J. Seeing through pictures: The anthropology of photography. **Camera Lucida**, v. 3, p. 19-32, 1981.
- _____. The last 20 years visual anthropology. **RBSE**, v. 4, n. 12, p. 217-218, 2005.
- WORTH, S. **Studying Visual Communication.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.